

# POSSIBILIDADE DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DO GÊNERO DISCURSIVO CHARGE: REFLEXÕES ORIENTADA PELA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

## POSSIBILITY OF READING AND INTERPRETING THE DISCURSIVE GENRE CHARGE: REFLECTIONS GUIDED BY FRENCH DISCOURSE ANALYSIS

Simone Bispo dos Reis 1

Thiago Barbosa Soares 2

Damião Francisco Boucher 3

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar o discurso engendrado no gênero discursivo charge. Para isso procura-se, a partir da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, compreender a relação dialógica estabelecida entre texto, autor e interlocutor, bem como suas condições de produção. Desse instrumental teórico-metodológico, mobilizam-se as noções de interdiscurso e intradiscurso, relações de sentido e de força, bem como outras noções de igual valor, pontuando a relevância da dinâmica da emergência das memórias na constituição dos sentidos dentro do campo verbo-visual da charge em análise. Como corpus, foi selecionada uma das várias charges de Antonio Junião, publicadas no site Ponte Jornalismo, na reportagem de Catarina Duarte, intitulada “Decisão de Barroso sobre reconhecimento é retrocesso na luta contra prisões injustas, dizem especialistas”. Ao final, como resultado, sopesam-se as possíveis contribuições do estudo da charge para o entendimento do funcionamento discursivo em elementos verbo-visuais e as prováveis implicações que o discurso de resistência pode provocar na dinâmica das relações de poder no seio social.

**Palavras-chave:** Charge. Análise do Discurso. Interpretação.

**Abstract:** This article aims to analyze the discourse engendered in the cartoon discursive genre. To do this, we seek, from the perspective of French Discourse Analysis, to understand the dialogical relationship established between text, author and interlocutor, as well as its production conditions. From this theoretical-methodological instrument, the notions of interdiscourse and intradiscurso, relations of meaning and force, as well as other notions of equal value are mobilized, highlighting the relevance of the dynamics of the emergence of memories in the constitution of meanings within the verbal-visual field of the charge under analysis. As a corpus, one of several cartoons by Antonio Junião was selected, published on the Ponte Jornalismo website, in the report by Catarina Duarte, entitled “Barroso’s decision on recognition is a setback in the fight against unjust prisons, experts say”. In the end, as a result, the possible contributions of the cartoon study to the understanding of the discursive functioning in verbal-visual elements and the probable implications that the resistance discourse can provoke in the dynamics of power relations within the social sphere are weighed.

**Keywords:** Cartoon. Discourse Analysis. Interpretation.

1- Graduada em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6225702442411084>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4273-6537>. E-mail: [simonebispo\\_reis@hotmail.com](mailto:simonebispo_reis@hotmail.com).

2- Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. E-mail: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br).

3- Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4815591282019412>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8325-1603>. E-mail: [boucherplace@gmail.com](mailto:boucherplace@gmail.com).

## Considerações iniciais

Sabe-se que a linguagem humana representa um conjunto dinâmico, histórico de práticas discursivas que se dão em torno das habilidades da fala e da escrita, efetivadas nas várias relações sociais. (SOARES; SANTOS, 2018). Nesse sentido, ainda de acordo com Soares e Santos (2018, p. 482), a linguagem como um instrumental complexo, relativo, abrangente, ramifica-se “pluralmente em inúmeras manifestações e, assim, não somente abarca as múltiplas identidades sociais que lhe dão forma, como é por elas modificada”. Diante dessa perspectiva em que a linguagem é concebida em seus diversos aspectos de uso cotidiano como meio de expressão humana, os memes, as tirinhas e as charges se apresentam como materialidades as quais se constituem pela discursividades circulantes na sociedade.

Esta última em especial, a charge, através de suas particularidades de gênero, desempenha um papel social crucial na circulação de ideologias, tanto em discursos hegemônicos que pretendem estabelecer uma ordem natural para as questões sociais, quanto em discursos de resistências, que na outra ponta da balança, representam uma força discursiva antagônica cujo objetivo consiste em demonstrar que a suposta naturalidade das relações humanas não passam de formações imaginárias (PÊCHEUX, 1997), isto é, projeções ideológicas que procuram estabelecer os lugares empíricos mediante (im)posições discursivas que, por seu turno, (re)estruturam as relações de força e de poder ao longo da história. Para Silva (2004, p.13), o termo charge surgiu formalmente na França e vem de *charger* que significa carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente. A charge é carregada de ironia e crítica com um tom humorístico, tendo um caráter temporal, expõe a realidade cotidiana com imagens e palavras, ou ainda somente com imagens. Surgido inicialmente como forma de protesto à falta de liberdade de expressão, com o intuito de criticar algo errado. Desse modo, como argumenta Oliveira (2001),

Como qualquer discurso fundado na linha do humor, os textos de charge ganham mais força expressiva quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica em um texto aparentemente despretensioso (OLIVEIRA, 2001, p. 265).

Dessa maneira, a charge apresenta discursos supostamente neutros, contudo é sabido que não existe discurso neutro, uma vez que o discurso é composto por ideologias, valores e crenças (ORLANDI, 2015). Em vista disto, a charge possibilita um amplo leque de leitura, porquanto a partir dela, analisa-se a presença da linguagem verbo-visual composta por apagamento/marcação da formação social do enunciador (BOUCHER; SOARES, 2020), constituída na/pela história e pela ideologia, o que permite a observação do funcionamento de diversos efeitos discursivos. De acordo com Romualdo (2000), sendo a charge um gênero discursivo que apresenta uma mensagem icônica, as possibilidades de leitura e interpretação do leitor devem se fundamentar em um conhecimento prévio, já que a mesma critica um personagem, “fato ou acontecimento específico” (ROMUALDO, 2000, p. 32).

Diante do relevante quadro constitutivo da materialidade discursiva capaz de provocar a reflexão social por meio do humor, o presente artigo tem como objetivo analisar o discurso engendrado no gênero discursivo charge. Para isso, procura-se, a partir da perspectiva da Análise do Discurso, compreender a relação dialógica estabelecida entre texto, autor e interlocutor, bem como suas condições de produção (ORLANDI, 2015). Como corpus, foi selecionada uma das várias charges de Antonio Júnior, publicadas no site Ponte Jornalismo, na reportagem de Catarina Duarte, em 22 de agosto de 2023, intitulada “Decisão de Barroso sobre reconhecimento é retrocesso na luta contra prisões injustas, dizem especialistas”.

Para uma melhor organização argumentativa, nas *Considerações teórico-metodológicas*, mobilizam-se as noções de interdiscurso e intradiscurso, relações de sentido e de força, bem como outras noções de igual valor, pontuando a relevância da dinâmica da emergência das memórias na constituição dos sentidos dentro do campo verbo-visual da charge em análise. Na seção *Análise: o funcionamento discursivo na charge de Antonio Júnior*, examina-se, a partir da camada visível da enunciação, o funcionamento discursivo do que está posto, e daquilo que

funciona em silêncio (ORLANDI, 2007), isto é, os efeitos constitutivos dos sentidos emergindo na intradiscursividade a partir do campo interdiscursivo. Por fim, em *Considerações finais*, sopesam-se as possíveis contribuições do estudo da charge para o entendimento do funcionamento discursivo em elementos verbo-visuais, bem como as prováveis implicações que o discurso de resistência pode provocar na dinâmica das relações de poder no seio social.

## Considerações teórico-metodológicas

A Análise do Discurso (doravante AD) é uma disciplina que teve sua origem na França na década de 1960, tendo como marco inaugural o ano de 1969, com a publicação de Michel Pêcheux, intitulada *Análise Automática do Discurso* (SOARES, 2018). Sobre os acontecimentos que culminaram no surgimento da AD, Soares (2018, p. 115) afirmar que “nesse cenário o qual maio de 1968 figura como pano de fundo, as obras clássicas de Karl Marx, Sigmund Freud e Ferdinand de Saussure parecem perder seus potenciais heurísticos de explicações frente aos acontecimentos do mundo”. O autor também menciona as relevantes interpretações de Althusser sobre Marx, de Lacan sobre Freud e de Pêcheux sobre Saussure. De acordo com Soares (2018), essas releituras de grandes obras, além de serem movimentos responsáveis por melhor explicar alguns fenômenos sociais, permitiram a Pêcheux fundar a AD, a partir de contribuições do campo psicanalítico, com as noções de inconsciente e de sujeito; e do âmbito do materialismo dialético, com as noções de ideologia e de historicidade.

É por meio desse ponto histórico, que se vê a língua e a linguagem como partes fulcrais no entendimento das relações de força e de poder nas interações sociais, bem como materialidades responsáveis pela concretização do pensamento humano no mundo. De acordo com Orlandi (2015, p. 13), a linguagem é “a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, possibilita tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive”. E, dessa forma, é a partir da noção de relações de força que se compreende como cada sujeito é alocado em sociedade. Compreende-se também a distinção entre lugar (empírico), posição (discursiva), indivíduo (corpo ocupante dos espaços em sociedade) e sujeito (o papel social que cada indivíduo assume). Dessa forma, os sujeitos e as posições são consideradas nos discursos. Essas posições permitem que o policial e o acusador falem de um lugar em que seus dizeres tenham autoridade.

Assim, considerando a força discursiva que cada posição atribui ao sujeito, Pêcheux (1997) entende a linguagem como um fenômeno que deve ser visto em conformidade ao seu interior, sua estrutura, o linguístico e seu exterior, como acontecimento, materialidade ideológica capaz de promover as diferenças e as desigualdades na sociedade. Em outras palavras, Pêcheux preconiza, a partir da relação entre o dizer e as condições de produção, uma teoria não subjetiva da linguagem ao incorporar a exterioridade como um elemento fundamental para a construção de sentidos no discurso. Dessa maneira, é imprescindível que a Linguística busque subsídios teóricos em outras áreas do conhecimento como, por exemplo, a Psicanálise e a História. Isto posto, a interdisciplinaridade é proveniente de novas perspectivas de linguagem e de discurso, conseqüentemente deve ser percebida em um contexto histórico-ideológico que os sujeitos produzam e interpretem os efeitos de sentido nos textos que percorrem pela sociedade.

Diante dessa perspectiva, as noções que a AD traz como ferramental teórico-metodológico são caras para a compreensão do funcionamento discursivo. Ora, se o discurso é concebido por Pêcheux (1997, p. 82) como “efeitos de sentido entre os pontos A e B”, então, o sujeito é determinado por esses efeitos, uma vez interpelado e associados a eles. Como destaca Soares, (2018, p. 119) “o sujeito para Pêcheux é efeito do discurso, e seu assujeitamento é, de certa forma, uma aderência aos sentidos que se acreditam corretos e estáveis”. Por essa razão, nem a língua, nem a história e nem o sujeito são transparentes. De outro modo, a língua não pode ser considerada autônoma, porquanto os sentidos não são unívocos, estes deslizam-se, deslocam-se para outras regiões semânticas a depender da posição de cada indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia (Pêcheux, 1997); a história não é transparente, linear

e contínua, porque nas relações sociais, há sempre, na história do dominante, a história do dominado pressuposta; há a manifestação cíclica de forças, mas também a ruptura dessas, sendo o real da história “afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos)” (ORLANDI, 2015, p. 18) e, por fim; o sujeito afetado pelos efeitos da língua e da história, funcionando pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2015).

Desse ponto, memória e (re)formulação enunciativa se encontram para ressignificar a circunstância a partir de um já dito e já esquecido. No campo constitutivo dos sentidos, isto é, no interdiscurso, há um conglomerado de memórias coletivamente dispostas que organizam os espaços e as posições de cada sujeito em sociedade, prontas para emergirem da historicidade, da exterioridade de condições de produção anteriores para o campo da formulação enunciativa, ou melhor, para o intradiscurso (COURTINE, 2014). São essas memórias, segundo Achard (2015, p. 17) que vêm restituir “juízos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrases”. De outro modo, a regra e/ou a regularidade dos sentidos não se encontram na superficialidade enunciativa, tanto porque as condições de emergência, as circunstâncias atuais em que o enunciado se produz, são outras e desestabilizam naturalmente os sentidos daquilo que é posto. No entanto, há a restituição de sentidos pré-existentes na atualização intradiscursiva.

Dessa forma, é a partir da restituição dessas memórias em dada formação discursiva (doravante FD) que se pode afirmar a regularidade do discurso. Sobre a noção de formação discursiva, Pêcheux (1997) a concebe como materialidade específica das formações ideológicas (doravante FI). Por sua vez, o autor compreende cada FI como “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX, 1997 [1971], p. 166, aspas do autor). Como resultado, pensando a materialidade específica das FIs, ou seja, as FDs, como forças contrastivas que delimitam umas às outras, às vezes se afastando, às vezes interseccionando com outras FDs, Pêcheux as compreende como um conjunto (heterogêneo) de dizeres historicamente demarcado que determina e estabelece aquilo que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1997) e que conduz o sujeito filiado a essa formação a dada interpretação de sentidos postos na enunciação.

Diante da perspectiva teórico-metodológica empreendida até esse ponto, passa-se a compreender que as charges, como uma manifestação discursiva, mesmo constituída por alguns elementos cômicos os quais podem distrair, ou melhor, divertir o leitor, sua principal intenção é marcar um posicionamento ideológico. Boucher e Soares (2020, p. 119) afirmam que “na discursivização humorística, o apagamento é uma marcação”. De outro modo, ao trazer elementos linguísticos ou visuais de forma bem humorada, o autor joga com o esquecimento de que o funcionamento humorístico, ora mais explícito, ora mais velado, também marca a posição do sujeito enunciativo. No caso do corpus a ser analisado nesse percurso, o enunciativo Antonio Júnior toma uma postura mais ou menos explícita, uma vez que se encontra filiado ao discurso de resistência. Desse ponto, chega-se à noção de imagem do enunciativo, ou melhor, do ethos discursivo (MAINGUENEAU, 1997) que se aproxima daquilo que Pêcheux (1997) concebe como formações imaginárias, isto é, as imagens dos enunciadores “que resultam de projeções” (ORLANDI, 2015, p. 38). De acordo com Soares (2023):

É fundamental destacar as noções de formação imaginária e de ethos discursivo e, principalmente, de onde são extraídas para que não haja dúvidas sobre o direcionamento que lhes é dado, ainda que ambas sejam utilizadas em textos de análise do discurso. O ethos e a formação do imaginário têm origens distintas, o primeiro veio da retórica, o segundo da psicanálise, porém, estão intimamente relacionados à projeção do sujeito no espaço social por meio da linguagem<sup>1</sup> (SOARES, 2023, p. 46).

<sup>1</sup> Trecho original: It is essential to highlight the notions of imaginary formation and discursive ethos and, especially, from where they are extracted so that there is no doubt about the direction given to them, even if both are used in discourse analysis texts. The ethos and the imaginary formation have different origins, the first came from rhetoric, the second from psychoanalysis, however, they are closely related to the projection of the subject in the social space through language

Do recorte supracitado, percebe-se que por meio da linguagem os espaços sociais, as posições e os lugares são estabelecidos, configurados de modo que as relações de força e de poder são a consequência dessas projeções. De outra forma, a partir da observação e do exame do ethos discursivo projetado no enunciado, torna-se possível perceber como o poder se manifesta em pleno exercício através da linguagem (SOARES, 2023). Dessa forma, na estrutura de uma interação entre “NÓS” e “ELE”, como será visto na análise do corpus, são essas dêixis discursivas que definem, além dos sujeitos envolvidos (o acusador e o acusado), “as coordenadas espaço-temporais implicadas em um ato de enunciação” (MAINGUENEAU, 1997, p. 41). Cabe ressaltar que são esses elementos (sujeitos, espaço e tempo) que compõem a cena enunciativa e que permitem acessar as formações discursivas de cada sujeito. No entanto, como assevera Maingueneau (1997, p. 41), “a dêixis discursiva consiste apenas em um primeiro acesso à cenografia de uma formação discursiva”.

Para compreender de forma mais acurada acerca das características desse discurso e, conseqüentemente, dos elementos que compõem o escopo dessa análise, retorna-se ao que foi mencionado sobre as FDs e o que determina suas fronteiras, a saber, as forças contrastivas que delineiam umas às outras. No caso de Junião seu posicionamento se demarca por aquilo que ele critica: o discurso de ódio institucionalizado. Diante dessas duas forças contrastivas, ódio e resistência, Boucher e Soares (2023, p. 127) destacam que “o discurso de ódio perpassa a história humana e se projeta nas relações sociais na qual, de um lado, o poder, a dominação e, do outro lado, a resistência sustentam mutuamente sua continuidade [...]” (BOUCHER; SOARES, 2023, p. 127). A partir desse esclarecimento sobre os elementos discursivos que constituem o corpus dessa análise, passa-se ao exame de seus efeitos.

## **Análise: o funcionamento discursivo na charge de Antonio Junião**

No decorrer do desenvolvimento deste trabalho, tem-se a pretensão de refletir sobre as possibilidades de interpretação de charge na perspectiva da Análise do Discurso, em especial, o trabalho do chargista Antonio Junião, mais especificamente, a charge publicada na Ponte Jornalismo, no dia 22 de agosto de 2023. A escolha da charge se deu por acreditar que esse desenho humorístico apresenta um conteúdo sócio-histórico amplamente compartilhado e que o tema é sustentado pela interdiscursividade, pelas memórias sobre o negro, sobre o ódio e sobre a resistência. Além de possibilitar reflexões acerca de um assunto tão essencial como o preconceito racial, a análise a ser empreendida, em certa medida, também lança luz a outro movimento, a saber, a institucionalização do preconceito.

Para atingir esses dois escopos iniciais, faz-se necessária a exposição de como será analisado o corpus supracitado para uma melhor organização didática. No primeiro momento, será feita uma breve descrição da posição discursiva em que o sujeito enunciativo Antonio Junião se encontra. Em um segundo momento, também serão descritos os elementos constitutivos da peça humorística principal, fazendo, quando necessárias, comparações com outras obras do autor, a partir do movimento interdiscursivo, para rastrear as regularidades de sua formação discursiva. Em um terceiro momento, pela interdiscursividade, serão tracejadas os efeitos de sentidos que se atualizam na charge e os elementos linguísticos que ora estabilizam, ora deslocam seus sentidos para outras regiões semânticas, mantendo uma dinâmica de atualização das memórias constitutivas de seus dizeres no campo intradiscursivo. Feitas as devidas considerações didáticas, passa-se à análise.

Antes de serem descritos os elementos que compõem a charge de Antonio Junião, faz-se necessário primeiramente tecer algumas considerações acerca da posição discursiva na qual se encontra o referido enunciativo. O mencionado cartunista e ilustrador é formado em Artes Visuais pela Unesp/Bauru e já publicou em diversos veículos de grande circulação nacional e internacional, como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Veja, Courrier International (França), atuando como designer em diversos sites e aplicativos na Internet (PONTE, 2024). Antonio Junião também é escritor. Escreveu o livro “Meu pai vai me buscar na escola” que conta

o cotidiano de uma família negra, um pai e um filho que precisam passar pelos obstáculos que a vida urbana proporciona. Não só a mencionada obra, mas praticamente todos os seus trabalhos voltam-se a personagens negros que enfrentam o preconceito étnico-racial e as dificuldades de encontrar trabalho, relacionar-se entre outros.

A partir dessa breve descrição acerca de Antonio Junião e de suas obras, afirma-se que, como enunciador, o referido sujeito encontra-se alocado na posição discursiva da resistência a esses preconceitos, sendo interpelado por diversos meios de comunicação e certas redes midiáticas como um sujeito ativista da causa negra (PONTE, 2024). Os elementos linguístico-discursivos que compõem sua formação social trabalham na região da luta contra o racismo e, por isso, pode-se afirmar que, de maneira geral, seus trabalhos, e de forma mais específica, os enunciados constituintes desses, ambos configuram o discurso da resistência, uma vez que, como já mencionado, representa uma força discursiva antagônica cujo objetivo consiste em demonstrar que a suposta naturalidade das relações humanas não passam de formações imaginárias, as quais estabelecem lugares empíricos através de (im)posições discursivas. Dito isso, passa-se à charge, foco enunciativo dessa análise.

**Figura 1.** Charge publicada na Ponte Jornalismo



**Fonte:** Ponte Jornalismo

A charge apresenta quatro personagens. Olhando da esquerda para a direita tem-se: o primeiro com características de uma pessoa branca, de cabelo loiro; o segundo também branco, de cabelo ruivo e o terceiro negro, de cabelo escuro. O quarto personagem é representado por uma mão branca que aponta para o personagem negro com a seguinte frase: “NÃO TEMOS CERTEZA, MAS FOI ELE!!!”. Ao estabelecer uma ligação do enunciado com a imagem dos personagens, perceber-se que a charge é marcada por uma carga de ironia que a caracteriza, e que por sua vez critica de forma irônica as atitudes preconceituosas da sociedade em geral. O texto convida o leitor a revisitar as memórias do preconceito racial no Brasil. Mais especificamente uma formação imaginária (PÊCHEUX, 1997) que projeta o sujeito negro como aquele que sempre está envolvido em projetos escusos ao ponto de colocá-lo, mesmo na dúvida, como o mais provável a ser o criminoso. Essa ironia enunciada na charge ressalta marcas histórico-sociais de uma sociedade fragmentada por ideologias culturais que perpassam a história. Assim a importância da charge, como defende Flôres (2002).

O referido autor afirma que essa arte humorística não só tem valor como documento histórico, mas também como repositório “das forças ideológicas em ação, mas, também, como espelho de imaginário de época e como corrente de comunicação subliminar que, ao mesmo tempo, projeta e reproduz as principais concepções sociais, pontos de vista, ideologias em circulação (FLÔRES, 2002, p. 10). Desse modo, a interpretação da charge, corpus de estudo, parte de assuntos que, como assevera Flôres (2002, p.10), são “questões sociais que afligem, irritam, desgostam, confundem [...]. Por natureza, é polêmica”. Como o preconceito racial. Dessa forma, ao enunciar “NÃO TEMOS CERTEZA, MAS FOI ELE!!!” o autor da charge projeta um enunciador sem rosto, mas o identifica como homem branco. Na alteridade que produz a imagem de si e do outro, Junião, ao desenhar o sujeito branco como aquele que aponta para o

negro como culpado, projeta sua posição discursiva e, a partir das memórias sobre a injustiça contra o negro, procura fazer com que o leitor interprete o acusador como o homem branco de maneira geral, evidenciando assim uma generalização como se todos os brancos fossem preconceituosos.

Com base em Kleiman (2004, p. 13) nas práticas de leitura existe um desempenho interativo de recriação, sendo que nesse processo o leitor recorre a diferentes graus de experiência e que neste movimento estabelece-se comunicação entre os campos de experiências. Em outras palavras, o que se sabe influencia a nova concepção do que se aprende. Posto que, para Maingueneau “um discurso não nasce de um retorno às próprias coisas, mas de um trabalho sobre outros discursos” (MAINGUENEAU, 1997, p. 120). Por esse motivo, o discurso do enunciador se reproduz como uma resposta ao discurso do outro, o discurso racista. De outro modo, ao perfazer a imagem do outro, o enunciador se coloca a reproduzir sua posição discursiva e, logo, seu ethos discursivo (MAINGUENEAU, 1997). Assim, é perceptível na charge essa relação com outros discursos implícitos, no ethos do autor e da mídia de divulgação, esse diálogo aponta para diferentes discursos como, por exemplo, a luta contra o preconceito racial, contra os genocídios, a pobreza, etc.

Ademais, por meio dessa relação de sentido (ORLANDI, 2015), isto é, para o discurso que aponta para outros que o sustentam, o enunciador projeta a imagem de si e do outro, pondo em manutenção, ou melhor, tentando desconstruir, nesse caso, as formações imaginárias sobre o negro. Na interdiscursividade, para além da relação existente entre os processos parafrásticos do enunciado-charge, a historicidade aponta para um contexto imediato (ORLANDI, 2015), no qual a charge é um suporte discursivo que sustenta o dizer de Catarina Duarte (2023) acerca da “posição recente do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luís Roberto Barroso sobre o procedimento de reconhecimento pessoal em casos criminais”. A charge em questão, recupera um acontecimento discursivizado que, na esfera do ethos, segundo Maingueneau (1997, p. 45) é inseparável daquilo que poderíamos designar muito grosseiramente de uma ‘voz’, mas uma vez que dialoga com outras vozes de tempo e espaço distintos; vozes que clamam pela justiça, contra leis supremacistas ou conservadoras, vozes que assumem a posição da resistência.

Dessa perspectiva, é possível perceber a voz, ou melhor, o ethos discursivo que projeta a imagem do enunciador. De acordo com Pedro Borges (2017), Antonio Junior, mas conhecido como Junião, chargista da Ponte Jornalismo, tem como foco em suas produções, o sinalizador por justiça, segurança pública e direitos humanos, sendo a Ponte Jornalismo, um dos principais representantes da mídia independente do Brasil e uma das grandes porta-vozes contra o genocídio cometido contra jovens pobres e negros. Partindo desse pressuposto, a relação dialógica estabelecida entre o autor, o corpus, o meio de divulgação e o interlocutor, partem de um contexto sócio-histórico, que vislumbra um efeito de sentido reflexivo no interlocutor de modo a se fazer chegar a uma nova leitura interpretativa do corpus. Dessa maneira, por trás do corpus existe o autor, e a mídia, que defendem um discurso impresso de forma implícita na charge. Uma vez que ambos são defensores de direitos sociais, a saber, a população marginalizada.

Nesse sentido, o corpus apresenta a marcação do já dito, percebido na interdiscursividade (COURTINE, 2014), como o movimento de acusação do negro sem provas, como as memórias do preconceito reconstituídas a partir do processo parafrástico “NÃO TEMOS CERTEZA, MAS FOI ELE!”. Quem são os sujeitos que preenchem os sentidos de “NÓS”, recuperado pelo sintagma verbal “TEMOS”, e do pronome pessoal “ELE”? Qual a relação de força estabelecida entre as dêixis discursivas (MAINGUENEAU, 1997) “NÓS” e “ELE”? Qual a imagem que o enunciador faz do outro e de si? E, por fim, como esse enunciado faz funcionar o discurso resistência? Ao refletir sobre essas questões, vê-se que o “NÓS” e o “ELE” só podem ser recuperado pela historicidade. De um lado, o discurso conservador que insiste em ver o negro como marginal, como a representação simbólica do mal. Dessa forma, o grupo supremacista, a coletividade preconceituosa são materializadas pelo pronome pessoal elíptico “NÓS”. Do outro lado, tem-se o “ELE”, preenchido pela representação do negro, o qual, no subentendido, representa a posição do sujeito enunciador.

Ao descrever a posição dos sujeitos presentes no enunciado, é perceptível, na dêixis

discursiva apresentada, a assimetria que o enunciador estabelece pelas configurações verbo-visuais da charge. Como compreendido nas considerações teóricas, as relações de força impressas no enunciado são constituídas pelo “NÓS” que, na cenografia apresentada, tem a prerrogativa de apontar, e por um “ELE”, escandalizado, com a boca aberta, mãos para cima como se as mãos do acusador representasse uma arma que mata. Nessa representação visual, na qual o acusado se destaca por ser um negro, reverbera os efeitos parafrásticos de que “o negro já nasce culpado”. Essa paráfrase é reforçada pelo sintagma, “MAS FOI ELE”, isto é, mesmo pairando a dúvida, a decisão deve ser orientada pelas formações imaginárias sobre o negro, porquanto estas, na historicidade, projetam o negro como culpado. Ou seja, as memórias sobre o negro que falam antes servem como baliza para a dúvida.

Outra memória recuperada pela charge, é o caso que recentemente foi noticiado na mídia (UOL, 2022): um jovem negro, Matheus Ribeiro, instrutor de surfe acusado de roubar a própria bicicleta. O corpus, de forma irônica, possibilita a compreensão de que o discurso é bem mais amplo e abrange os negros marginalizados, possivelmente com o intuito de defender, de colocar em foco o efeito de sentido do negro como vítima. Como pontua Bakhtin (2003, p. 127): “o discurso bivocal é sempre dialogizado. Assim é o discurso humorístico, irônico, paródico [...] Todos são bivocais. Neles se encontra um diálogo potencial, um diálogo centrado de duas vozes de duas visões de mundo”. Dessas considerações, a visão de que o negro aparece sempre como vítima tem o seu contraste em meio à visão de que os brancos são atacados pelos negros.

Dessa forma, a interdiscursividade sustenta o discurso do corpus com outros discursos. Na retaguarda da charge existem reportagens, editoriais que a constituem e ainda o autor que no processo de produção se baseia em discursos em simultâneo com a preocupação do possível parecer do público, do leitor. Compreende-se que, baseado em Maingueneau (1997, p. 120), as vozes que determinam o discurso da charge aqui analisada, possibilitam a construção do ethos dos sujeitos enunciativos, emissários do discurso que mesmo não estando visíveis, aparecendo no caso do autor somente na assinatura do corpus, no desenvolvimento da análise percebe-se que a charge possibilita a percepção do ethos do autor a partir do discurso implicitamente expresso na charge, sendo que o mesmo instiga os leitores a compartilharem do discurso defendido por ele, partindo do contexto histórico-social, das convicções e ideologias de cada um.

## Considerações Finais

A partir da descrição e da interpretação na perspectiva da AD, o corpus analisado nos possibilitou uma leitura de efeitos de sentidos variados, antagônicos e de projeções do ethos do enunciador e daquele o qual é mencionado em seus dizeres. Por diversas vezes, o preconceito racial é assunto noticiado na mídia e, através dessa observação, compreendeu-se que o chargista, por meio desses diálogos entre discursos, produziu o seu. Assim sendo, a charge, como salienta Landowski (1995, p. 81) lê “o espetáculo do mundo que o jornal nos oferece”; torna mais acessível, sem perder a importância do assunto. O sentido produzido no interior da charge representa o contexto sócio-histórico da população negra vítima de racismo, bem como cinge a interpretação de acontecimentos como exemplificado, do jovem Matheus, entre outros que podem estar associados às diversas produções discursivas.

Dessa forma, a charge não representa um caso isolado, específico, porquanto é na historicidade que ela se completa. É por meio das memórias que são restituídos os “julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrases” (ACHARD, 2015, p. 17). É a partir desses sentidos alocados na interdiscursividade que é possível perceber a formação discursiva conservadora sendo atacada, pois esta sempre aponta para o negro como o sujeito criminoso. Dessas vozes que dialogam e que se opõem (BAKHTIN, 2003), é marcado também o discurso da resistência que no oceano de formações imaginárias sobre o negro, posiciona-se como a voz do contraste, a qual procura trazer uma outra leitura do enunciado-charge. Se por um lado o negro é apontado como o sujeito culpado, por outro lado, a charge joga com o político e com o simbólico (ORLANDI, 2015), trazendo as memórias da inquisição na qual não há chance de escapar de um julgamento, mesmo que não haja provas contra o

sujeito acusado.

Ademais, foi possível compreender que tanto o trabalho de Junião, quanto o suporte midiático difusor do corpus em análise estão alocados na posição de sujeitos da resistência. A mídia, como salienta Soares (2022, p. 37), “gerencia os discursos circulantes ao ponto de se tornar uma espécie de reguladora dos discursos”. No entanto, o site da Ponte, como uma mídia deslocada dos grandes grupos midiáticos que difundem o discurso conservador e supremacista, apresenta-se como uma mídia alternativa a qual permite textos e charges (como a de Junião) terem vozes na sociedade. Assim, a formação discursiva dessa mídia alternativa, como mediadora de efeitos de sentidos “capaz de arregimentar um significativo número de tecnologias em suas práticas discursivas” (SOARES, 2022, p. 37), na instância do discurso da resistência, contrapõe-se a outros discursos, a outras vozes ao dar voz ao sujeito negro. Ao permitir que o discurso midiático se alinhe ao contradiscurso do negro como criminoso, passa-se a fortalecer as redes da resistência, as formações discursivas que contrastam com outras forças hegemônicas.

Diante desse batimento descritivo-interpretativo o potencial heurístico das noções de formações discursiva e de formações imaginárias, associado ao uso do ethos discursivo, pôde ser reforçado, como Soares (2023, p. 45) já havia comprovado ao afirmar que a AD “possui vertentes e novas tendências que lhe conferem tanto uma elevada variabilidade de possíveis objetos de exame quanto uma reestruturação de seus instrumentos operacionais de análise, como é o caso da formação imaginária e do ethos discursivo”<sup>2</sup>. Mesmo tendo semelhanças e diferenças entre as noções de formações imaginárias e de ethos discursivos, ambas possibilitaram a observação e o exame tanto das projeções sobre o negro e, no contraste, as projeções do negro sobre o branco, quanto a imagem que cada um faz de si e do outro no processo de diálogo. Na charge analisada, foi possível perceber que o ethos discursivo de Junião o aloca na posição de sujeito da resistência que contribui de forma humorada para a luta contra o preconceito racial e em favor dos direitos da pessoa negra.

Por fim percebe-se que a AD revela que o discurso se forma em decorrência de certas premissas de elaboração e que o foco são os efeitos de sentido funcionando na materialidade discursiva, possibilitando o aprofundamento da leitura não a partir do que o enunciado quer dizer, mas como ele faz funcionar esse dizer. Nesse sentido compreende-se que é de suma importância que “silencie para ouvir o que não está explícito”, mas que, contudo, faz parte da construção do discurso presente na charge e que por sua vez implica produção de sentido.

## Referências

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In ACHARD, Pierre; Davallon, Jean; DURAND, Jean-Louis; PECHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **Papel da memória**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 7-63.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORGES, Pedro. Conheça Junião, ilustrador, chargista e músico. **Alma Preta**, Cultura, 2017. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cultura/conheca-juniao-jr-ilustrador-chargista-e-musico/>. Acesso em 15 jan. 2023.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Discursividade verbo-visual: o humor no apagamento/marcação dos discursos midiático. In: SOARES, Thiago Barbosa; CUTRIM, Ilza Galvão; BUTTURI JUNIOR, Atílio (orgs.). **Mídia, linguagem e sociedade: espaços, corpos e vozes na atualização da resistência** – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 119-133.

<sup>2</sup> Trecho original: “has strands and new trends that give it both a high variability of possible objects of examination and a restructuring of its operational instruments of analysis, as is the case of the imaginary formation and the discursive ethos”.

COURTINE, Jean-Jacques. **A análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos.** São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitura: Aspectos cognitivos da leitura.** 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

FLÔRES, Onici. **A leitura da charge.** Canoas: Ulbra, 2002.

ORLANDI, Eni P. **As formas do Silêncio: no movimento dos sentidos.** 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

OLIVEIRA, M.L.S. **Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo.** In: AZEREDO, J.C. de. (Org.). **Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LANDOWSKI, Eric. Não se brinca com o humor: a imprensa política e suas charges. **Revista Face**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 64-95, jul./dez. 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso;** trad. Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3 ed., 1997.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux;** Organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]; 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-153.

PONTE. Antonio Junião, 2024. Disponível em: <https://ponte.org/colaborador/juniao/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo.** Maringá; Eduem, 2000.

SANTOS, Sóstenes de Jesus Carvalho; SOARES, Thiago Barbosa. **Objeto de leitura: o meme da internet como operacionalizador de interpretação.** *Palimpsesto*, nº 28, ano 17, 2018 p. 478-503. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/viewFile/37855/29354>. Acesso em: 16 jan. 2023.

SILVA, C.L.M. e **O trabalho com charges na sala de aula.** Pelotas, RGS:UFRGS, 2004.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Linguístico: conceitos, críticas e apontamentos.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Discursivo: heterogeneidades epistemológicas aplicadas,** Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. Imaginary formation and discursive ethos: a symbiotic relationship in Discourse Analysis. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S. l.], v. 22, n. 43, 2023. p. 43-59. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/76917>. Acesso em: 16 jan. 2024.

UOL. Jovem negro acusado injustamente de furtar a própria bicicleta no Leblon: “Tratamento

é diferente”. **YouTube**, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l-Q5SICVi38>. Acesso em 16 jan. 2024.

Recebido em 16 de janeiro de 2024.

Aceito em 30 de abril de 2025.